

# DEPOIS DA SEMANA

Sergio Buarque de Holanda

A propósito do trigésimo aniversário da Semana de Arte Moderna, que se celebra nestes dias de fevereiro, já me ocorreu assinalar, ao lado de seus aspectos realmente positivos, alguns teimosos equívocos de que ela se tornou em parte responsável e que ainda projetam sua sombra sobre a história do "modernismo".

E um modo, a meu ver, de frisar seu conteúdo positivo consiste justamente em tentar identificar e denunciar aqueles equívocos. Tendo mobilizado numerosas forças dispare, a Semana pudera de algum modo dissimilar o que entrava de anárquico e impreciso no impulso inicial, além de ter imposto, quase brutalmente, a atenção de brasileiros, de todos os quadrantes, uma tentativa de origens nitidamente provinciais. E embora seja bastante pueril

procurar deslindar hoje qual teria sido o destino da tentativa sem esse lance dramático, pode-se bem imaginar que dele lhe adveio muito da energia necessária para a obra de demolição — e de construção — que viria a empreender.

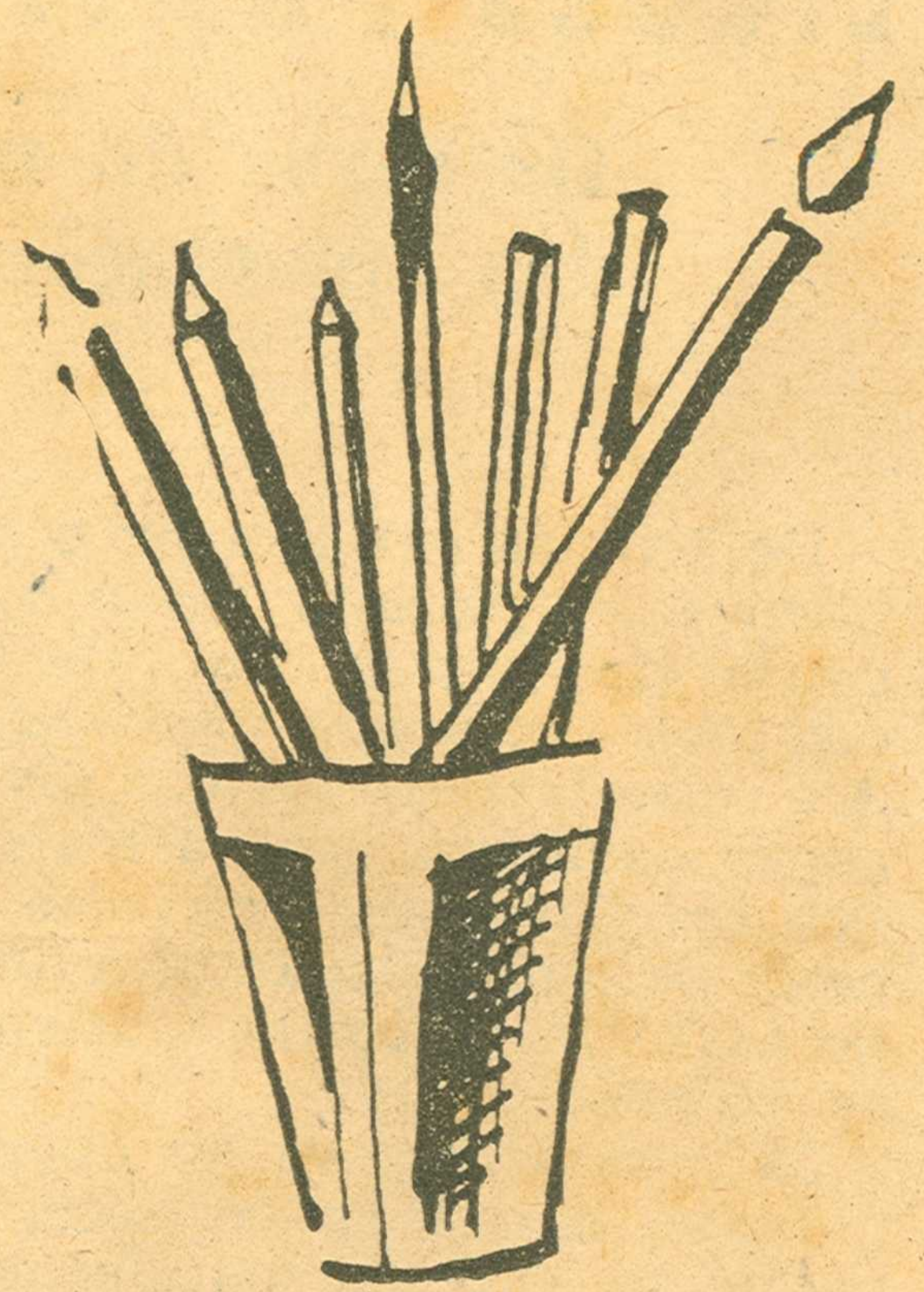
Esse, sem dúvida, seu grande benefício. Seu malefício, se assim cabe dizer, veio de que as próprias exigências da mobilização tenderam a dar-lhe um perfil unitário e em verdade mais límpido e preciso do que exato. Misturando as tintas, essas exigências ajudaram a formar-se uma imagem bastante convencional e certamente falsa do movimento: imagem de onde desaparecem todas as complexidades em favor de uma simplificação mentirosa e que hoje serve, indiferentemente, aos seus apologistas inadvertidos como aos seus mais rancorosos detratores.

Ora, a verdadeira história do modernismo foi, em grande parte, a história de uma resistência denodada a tudo quanto parecesse justificar essas visões simplificadoras. Muitas delas fundam-se de fato em meras aparências. Como o movimento se volvesse, no domínio artístico, e não só nele contra o que parecia aos seus adeptos o império da rotina, passou facilmente por antitradicionalista. Como procurasse absorver as correntes avançadas das literaturas e das artes de outras terras tiveram-no por internacionalista e antinacional. Como sustentasse diante de certos padrões, geralmente acatados sem muita crítica, uma atitude inconformista e irônica, interpretou-se tudo isso como indício de ausência de seriedade e amor ao paradoxo e à pilhéria. Por fim, os lemas libertários, que vinham da própria rebelião contra a rotina e que, ao menos entre os mais lúcidos, foi sempre o requisito de uma disciplina individual e mais consciente, transformaram-se, ao contrário, em sinônimos de indisciplina e em convites à transigência.

O engano de muitas dessas interpretações é visível para todo aquele que busque tomar conhecimento dos motivos centrais do movimento. A pesquisa do tradicional, do nacional, do regional,

das artes e gostos populares, das manifestações localistas e folclóricas, foi de fato inseparável, e o foi desde o começo, do esforço de renovação. Ao menos em São Paulo, ele veio a prolongar, por esse lado, o esforço regionalista iniciado muito antes de 1922 com a primeira *Revista do Brasil*, com a editora Monteiro Lobato e com as campanhas em prol da arquitetura neo-colonial.

POR outro lado a ironia e irreverência dos modernistas não excluíam neles uma seriedade sistemática. De Mário de Andrade guardo uma carta escrita em 8 de maio de 22, onde a recomendação de cooperar ativamente no trabalho comum — "Trabalha pela nossa Idéia, que é uma causa universal e bela, muito alta" — não falta sequer a maiúscula do "Idéia" a sugerir uma convicção meio solene e ainda mal polida. Isso



justamente às vésperas de sair o primeiro número de *Klaxon*, dinamite do modernismo de guerra, e em plena fase "desvairista".

Mais tarde, referindo-se precisamente aos que procuravam reduzir o picante de tantas das suas sátiras ao simples gosto da piada e à vontade de *épater*, escrevia-me, já agora, em sua "fala brasileira": "Jamais não consegui saber o que sou. Mas ponha reparo nos que escrevem sobre mim; sou fácil como água pra eles, questão simples de resolver, dois mais dois".

A "Semana" deve-se uma parte das responsabilidades por tamanhas simplificações que não atingiam somente Mário, mas todos os seus companheiros. Outra parte, e não menor, deve-se sem dúvida ao apostolado de Graça Aranha. Ainda hoje vemos com excessiva frequência associadas aos "modernistas" — já que é forçoso recorrer a essa designação coletiva — certas idéias ou teorias que só a esse apostolado pertenciam e que nenhum, literalmente nenhum deles, mesmo os que lhe foram fieis até o fim, chegou a abraçar. Não há exagero em dizer-se que a história do modernismo corresponde largamente à história da resistência dos modernistas a êsse esforço de Graça para unificá-los, sob a égide das doutrinas que ele próprio forjara e professava.

APESAR de sua generosidade fundamental e de um trato afetuoso que parecia dissipar as grandes diferenças de idade e quase nos transformava, a nós todos, mesmo aos mais moços, em simples camaradas e iguais, Graça tinha uma noção admiravelmente viva, sem dúvida bastante exage-

(Conclui na 5.<sup>a</sup> página)



## Depois da Semana

### (Conclusão)

rada, do valor pioneiro das suas doutrinas filosóficas para não querer associar-lhes o destino do movimento que, ao desembarcar no Brasil em 1921, já encontrara em ebulição.

Se é certo que não poupou esforços para assinalar algumas das diretrizes naturais desse movimento, quando entrou a comprar e ler seguidamente autores como Apollinaire, Max Jacob e Cendrars — que nunca o ajudaram, aliás, a moderar sua fidelidade inveterada a Barrés, a Taine, sobretudo a Chateaubriand, — o fato é que nunca se ajustou, salvo em certas aparências, a qualquer das correntes em que se dividiam os escritores e artistas novos. E muito menos chegou a congregá-los numa direção única.

As idéias expostas em *Estética da Vida*, agora fertilizadas pela leitura de certa passagem de um estudo do barão Boris de Schöller sobre Strawinski, foram desaguar, finalmente, na teoria que, segundo seu modo de ver, iria resumir todo o nosso modernismo e servir-lhe de guia: o *objetivismo dinâmico*. Todo autor, brasileiro ou estrangeiro, moderno ou antigo, incapaz de acomodar-se a ela, passou a ser prontamente excomungado. Ora, no momento preciso em que se esboçava um tipo de primitivismo culminante em 1924 na poesia *Pau Brasil* (que não passaria, para recorrer à gíria filosófica de Graça, de uma complacência com o “terror cósmico”), ou em que se insinuava, sobretudo em algumas páginas da revista *Estética*, uma sedução iniludível pelas idéias dos surrealistas franceses (outra complacência deplorável, dessa vez com um subjetivismo de todo avesso à nova doutrina) a senha unificadora parecia inoportuna e desastrosa.

**G**RAÇA ARANHA sabia bem o que queria e não alimentava dúvida sobre a segurança e importância desse seu saber. Outros, como Ronald de Carvalho — que em *Tôda a América* exaltava com objetivismo dinâmico e timbre whitmaniano a cerâmica de Tonala ou falava na “alegria de abrir o caminho com as plantas dos pés”, — e ainda como Renato de Almeida, que iria publicar uma revista intitulada *Velocidade*, pareciam partilhar, em termos, das mesmas teorias. Mas eram os casos de exceção, pois, conforme escreveria pouco mais tarde Afonso Arinos de Melo Franco — a esse tempo ainda Afonso Arinos Sobrinho — a nova literatura brasileira andava dividida então em duas partes: a dos que procuravam saber e a dos que ensinavam com autoridade o que sabiam.

Não se trata aqui, como ainda há quem o presuma, de uma simples separação entre os grupos do Rio e de São Paulo, pois entre aqueles “que procuravam” continuou a congregar-se, e não só em São Paulo, a quase totalidade do movimento: de onde o caráter de experimentação que foi dos seus distintivos mais insistentes. Completando sua observação, Afonso ainda pudera escrever no mesmo artigo: “O diabo é que aquilo que os primeiros querem saber não tem nenhuma relação com o que os outros sabem”.

Esse tipo de desajuste define, com efeito, parte considerável da história do modernismo logo posterior à Semana de 22. E tentar apresentá-los, através de alguns dos seus episódios típicos, é talvez contribuir para esclarecer um pouco dessa história, ainda cheia de confusões e enganos.

*Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).*



# DEPOIS DA SEMANA -- II

Sérgio Buarque de Holanda

ENTRE os "modernistas" que nunca se submeteram às tentativas de unificação partidas principalmente da Semana de Arte Moderna e, mais tarde, desenvolvidas pela ação absorvente de Graça Aranha, cabe um lugar de realce a Manuel Bandeira. Embora saudado por alguns dos inovadores paulistas como seu genuíno precursor, e apesar da amizade fraternal que logo o uniria em particular a um deles — a Mário de Andrade, — conservou sempre uma atitude meio arisca diante das nossas manifestações coletivas.

Não consigo associá-lo bem à forte lembrança que me ficou das terças-feiras da rua Humaitá; de qualquer forma não estaria entre os frequentadores assíduos da casa de Ronald de Carvalho — onde Graça nunca faltou — apesar das relações cordiais que, por esse tempo, mantinha com o poeta dos *Epigramas*.

Este acolhera alguns anos antes, com aspereza que destoava do timbre geralmente benévolo dos seus rodapés críticos semanais, algumas das novidades mais alarmantes e insólitas do *Carnaval*. Contudo soubera compensar largamente a aspereza, quando, por ocasião da Semana, chegara a enfrentar uma plateia arrepiada dizendo as estrofes de certo poema daquele mesmo livro — "Os Sapos", — que iriam dar às torrinhas um estribilho para a assuada: *Foi! Não foi! Foi!*

Seria iludir-se sobre o temperamento de Ronald, que não detestava o aplauso oficial e público, pensar em diminuir o significado, para ele, dessa tremenda prova. Nem Graça, nem, do lado oposto, os rapazes de São Paulo — ao menos Mário e Oswald de Andrade — se arriscaram, então a tamanho sacrifício. Estes últimos, porque, em verdade, ainda não tinham muito o que sacrificar. E Graça porque já alcançara um prestígio sobranceiro que o imu-

nizava contra o escândalo e até contra o ridículo. Passada a tormenta, Ronald procurou constantemente uma espécie de composição entre seu passado e seu presente, entre o poeta e crítico aplaudido pela opinião oficial e o inovador que de súbito se acumpliciara com os revolucionários da Semana. Atitude capaz de satisfazer Graça Aranha, com seu modernismo sincero, mas de fachada, e no entanto pouco sedutora para os extremados. Esta, sem dúvida, a causa de algumas das dissonâncias que marcariam mais tarde a história do movimento.

ALÉM de Manuel Bandeira há outro escritor que, desde o princípio, se mostrou bastante arredio. Com seu livro de estréia, Ribeiro Couto tinha suscitado uma tal legião de imitadores que não faltaria, entre críticos adversos, quem visse nessa epidemia de poetas amigos da ternura irônica e da garôa os distintivos de alguma nova escola, que logo recebeu a alcunha de *penumbриста*. Mas ao tempo da Semana de Arte Moderna Couto já chegara quase independentemente dos outros, e guiado em parte pela fidelidade a modelos diferentes, entre estes parece-me que Charles Vildrac, a um tipo de expressão coloquial e realista, bem diverso das ousadas associações de imagens e idéias que alguns inovadores de São Paulo, como Mário de Andrade e Luiz Aranha, tinham aprendido sobretudo em Apollinaire, em Cendrars e no tratado de poética moderna de Epstein.

Ainda assim pude obter dele duas poesias para *Klaxon* — "Ordem e Progresso" e "Cinema de Arrabalde" — que se imprimiram respectivamente nos n.ºs. 3 (15-7-1922) e 6 (15-10-1922) da revista e estão incluídos no volume intitulado *Um Homem na Multidão*. Pela mesma época e no mesmo espírito chegou a escrever um breve poema irônico,

onde nas palavras de "revelador tropical de atitudes novas", "mestre das transformações em caminho" há transparente alusão à prédica solar de Graça Aranha:

Eu quero o sol na tua poesia  
[e na dos teus amigos,  
O Brasil é cheio de sol!

Nem Bandeira, entretanto, nem Ribeiro Couto podem incluir-se entre os responsáveis diretos pela desagregação da espécie de frente única estabelecida tácitamente entre os modernistas a partir da Semana de Arte Moderna, pois a verdade é que se conservaram, tanto quanto possível, numa posição marginal e por vezes quase hostil a ela. A desagregação só veio a surgir, ou a manifestar-se abertamente, na medida em que se foram tornando patentes as divergências dos motivos que animavam os participantes do movimento.

A principal divergência vinha de que Graça, com seu característico fervor doutrinário, e ainda com seu pendor proselitista, era tentado constantemente, e como



inconscientemente, a assimilar os fundamentos ideológicos e até as origens cronológicas do modernismo às suas próprias teorias estético-filosóficas — e nisso não o enganavam alguns dos seus amigos mais chegados como Ronald e Renato de Almeida. Embora nenhum parecesse participar do ateísmo ou do panteísmo de *Estética da Vida* o certo é que havia entre eles, grandes terrenos comuns, que justificassem e até pedissem um acôrdo mais íntimo.

NÃO faltava, porém, quem visse o aspecto quase puramente declamatório de seu nacionalismo, que iria culminar no grito lançado do salão da Academia Brasileira de Letras: "Nós não somos a câmara mortuária de Portugal!" Ou quem resistisse, por outro lado, à nova palavra de ordem — o "objetivismo dinâmico" — tendente a prescrever uma variedade inumerável de pesquisas estéticas, que justamente principiavam a tentar os autores novos.

Contudo essas divergências ainda não transpareciam claramente no número especial, em homena-

(Conclui na 6.ª página)



## Depois da Semana - II

### (Conclusão)

gem a Graça Aranha, que *Klaxon* publicou em janeiro de 1923. Lá aparece Ronald de Carvalho num verdadeiro ditirambo, que conclui com esta efusão: "Graça Aranha, poeta épico da Raça, Criador do Entusiasmo! Bravo!" Renato de Almeida discorre sobre a estética de Malazarte, Mota Filho sobre o "psicólogo da raça", Rubens Borba de Moraes sobre "Graça Aranha e a Crítica Européia", Luiz Anibal Falcão, que o conhecia da Europa, sobre a elaboração de *Estética da Vida*; Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Carlos Alberto de Araújo (Tácito de Almeida), Luiz Aranha, dedicam-lhe poemas; Tarcila contribui com um retrato e Vila-Lobos em outro extra-texto oferece-lhe, um fragmento do Sexteto Místico.

Pude testemunhar frequentemente o interesse meticoloso com que o homenageado acompanhava o preparo desse número destinado, na aparência, a consolidar a "frente única". A mim, que estava indicado para escrever especialmente sobre "o sociólogo" deram-me longas explicações, durante alguns dos passeios que algumas tardes realizávamos a pé, descendo o Russel e o Flamengo na direção de sua residência do Hotel dos Estrangeiros. Lembro-me claramente de como nessas caminhadas ele destacava sempre o papel decisivo que tinham no pensamento filosófico e sociológico expresso em *Estética da Vida*, duas "leis" da sua forja: a de "recapitulação histórica" (adaptação às formas sociais do princípio de que a ontogenia repetiria em ponto pequeno a evolução filogenética correspondente) e a de "constância vital" (aplicação da teoria de René Quinton que, com esse nome, agitou os círculos científicos em princípios deste século).

E se afinal deixei de escrever o artigo prometido, creio que aquelas conversas foram, para mim pessoalmente, de algum proveito. Delas, se não me engano,

retirei o primeiro estímulo para um ensaio que durante longo tempo sonhei escrever com o nome de Teoria da América e cujas idéias cheguei mesmo a desenvolver e publicar mais tarde em livro intitulado *Raizes do Brasil*.

O número especial de *Klaxon* marca, de qualquer forma, uma etapa definida na história do modernismo. Pela última vez, os participantes do movimento, que culminara quase um ano antes, na Semana de Arte Moderna, ainda podem aparentar certo ar de família e ostentar alguma homogeneidade e coerência. Depois, o desaparecimento, por algum tempo, de um órgão onde se congregassem e articulassem tantas vozes diferentes — pois *Klaxon* publicou com essa homenagem justamente seu último número, — e a distância que separava de Graça Aranha e de seu grupo o núcleo paulista e os outros que iam nascendo, ou iam nascer, em Minas — na *Revista de Belo Horizonte*, com Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, Pedro Nava, João Alphonsus, Martins de Almeida ou com o *Verde* de Cataguazes, — no Rio Grande, e no Norte, foram alguns dos fatores tendentes a reafirmar nos inovadores um individualismo que essas manifestações puderam às vezes dissimular, mas nunca apaziguariam de toda.

Remessa de livros: rua Haddock Lobo, 1625, São Paulo.

